

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS

PENSARDIVERSO

novembro 2019



insularidades



pensardiverso

Proprietário/Editor

Universidade da Madeira

NIF

680041982

Sede da Redacção

Universidade da Madeira
Colégio dos Jesuítas
Rua dos Ferreiros
9000-082 Funchal
Madeira Portugal
pensardiverso@uma.pt

Design

Susana Gonzaga

Periodicidade

Anual

Edição: Novembro 2019

Tiragem

500 exemplares

Impressão

Gráfica ACDPRINT
Rua Marquesa de Alorna,
12 A, Bons Dias
2620-271 Odivelas

Anotada na ERC

Depósito Legal

298194/09

ISSN

1647-3965

Estatuto Editorial

<http://links.uma.pt/docs/pensardiverso/estatuto.editorial.pdf>

Direcção Científica

Celina Martins

Conselho Editorial

Aline Bazenga
Dominique Castanheira da Costa
Naídea Nunes Nunes
Odete Jubilado
Celina Martins

Comissão Científica

Aline Bazenga (Universidade da Madeira)
Ana Isabel Moniz (Universidade da Madeira)
Cristina Robalo Cordeiro (Universidade de Coimbra)
Fernando Cristóvão (Universidade de Lisboa)
Kelly Basílio (Universidade de Lisboa)
Leonor Coelho (Universidade da Madeira)
Manuel Frias Martins (Universidade de Lisboa)
Margarida Pocinho (Universidade da Madeira)
Maria Antónia Mota (Universidade de Lisboa)
Maria Celeste Augusto (Universidade de Utrecht)
Nelson Veríssimo (Universidade da Madeira)
Neusa Bastos (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Paulo Miguel Rodrigues (Universidade da Madeira)
Rita Godet (Universidade de Rennes)
Vitor Magalhães (Universidade da Madeira)

**Neste número, colaboram também
como avaliadores *blind peer review***

Jane Tutikian (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

A Pessoa Indicada, de José Viale Montinho

Companhia das Ilhas, Lisboa, 2018

Leonor Martins Coelho

Universidade da Madeira

Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa - CEC

lfcoelho@staff.uma.pt

O livro de poesia de José Viale Moutinho, significativamente intitulado *A Pessoa Indicada*, vinca o pendor reflexivo da criação literária do autor, elabora uma arqueologia da sua construção lírica, permitindo-nos, ainda, uma leitura pelo cânone português. Nesta “poética do título”, o texto, editado pela Companhia das Ilhas, vai revelar a relação do Poeta com o Mundo, outras gentes e diferentes lugares. A consciencialização face à sociedade levará a voz do texto a percorrer inúmeras coordenadas numa transitoriedade dissonante. Ao dialogar com algumas tendências estético-literárias, emerge do livro a sensibilidade do Poeta e a consciência do Intelectual atento à Ilha, ao Douro e às (carto)grafias do Desconcerto e do Desassossego. A filiação melancólica e a vertente crítica fazem de Viale Moutinho um escritor incontornável da cultura portuguesa contemporânea: da tradição da poesia portuguesa, o leitor segue o lirismo da dor e da morte; do desencanto dos tempos, o recetor perscruta as disforias culturais. Não obstante a tradição de um fazer poético, a criação moutiniana é, também, inovação e experimentação discursiva. A partir da estética do desencanto, o eu do texto sente-se um ‘vencido da vida’. Como Antero de Quental, o sujeito poético anuncia: “Poderia reviver, mas não faço.//apenas me senti cansado/naquele mesmo banco em que antero se matou/num recanto nocturno da cidade” (Moutinho, 2018: 15). Recordando a

imagem de um cavaleiro negro, qual Eurico no livro epónimo, a voz do texto enceta uma luta arduamente intensa: não se trata de um combate contra “a lua sarracena” (Moutinho, 2018: 23), mas de um conflito consigo próprio. Como Nobre, em *Só*, José Viale Moutinho parece dizer o cântico da finitude, assinalando o assombro de uma época de desengano amoroso, identitário e social.

Uma das marcas recorrentes da escrita moutiniana é o encontro do íntimo e do cultural, mas também do rural e do urbano. Esta articulação está aqui, de certo modo, presente. Nos meandros da atualidade do seu tempo, o autor vai, efetivamente, focar as circunstâncias da gramática da distopia. Atento ao seguidismo social e político, bem como à cultura da superficialidade, “Uma carreirinha de formigas carnívoras //sobe-me pela perna direita (...)” (Moutinho, 2018: 61), este Eu olha desapontado para a cidade insular vítima de efeitos climáticos ou varrida pela turistificação dos nossos dias. A voz do texto tem assim a noção da perda do magma vital e do ímpeto navegante da ilha. Desiludido, o Sujeito não deixará de mencionar os ‘não-lugares’ (Augé, 1992) da era do vazio (Lipovetsky, 2013), como se pode constatar: “Descompondo-me, no centro comercial//desenhado sem graça por um arquitecto//norte-americano, bebo devagar um jornal//onde entornei meia chávena de café,” (Moutinho, 2018: 9). Os meios inóspitos e asséticos, os riscos da repetição do erro ou as dependências de um mundo “aparelhado” (Moutinho, 2018: 19) são, por isso, problemáticas convocadas em tom de profundo desapego à Utopia. As múltiplas dissonâncias desta poesia apontam para a mecanização do gesto valorizado numa época da “eficácia própria” (Moutinho, 2018: 21) e da hodiernidade da liquefação do afeto: “[S]entados//a mesma mesa de café” (Moutinho, 2018: 30), as tardes sombrias levam à lúcida e amarga constatação: “só a mesa cresce, ocre, vazia,” (Moutinho, 2018: 60).

Se na tessitura do texto irrompe implicitamente ou explicitamente referências pretéritas a escritores do panorama nacional, não é menos verdade que, numa espécie de “mise en abyme” do autor no livro, o escritor vem revelar as modernidades da sua escrita. Neste brevíssimo projeto editorial, desponta uma espécie de escrita do Eu em demanda constante. Linda Hutcheon (1991) revela que a escrita (pós) moderna reatualiza e problematiza as instâncias do Sujeito. A poesia de Viale Moutinho é simultaneamente uma poética do desencanto e uma problemática autoreflexiva sobre tempo(s) e lugar(es). *A Pessoa Indicada* apresenta-se sem índice

e com uma página em branco no final. Parecem assim estar reunidas as condições para afirmarmos que novas (re)construções poéticas podem brevemente vir a lume. Se acrescentarmos estes dados ao facto de a poesia moutiniana terminar com a vírgula tão característica da escrita poética do autor, como explicita o excerto “não conheço ninguém, nenhum//desses que andam//de um lado para o outro/sujando os pés,” (Moutinho, 2018: 86), este livro não é um texto da finitude, apesar de ser um dos mais desencantos do escritor. Tratar-se-á, talvez sobretudo, de um artefacto que alimenta uma das características da sua escrita poética: uma interrogação contínua, não raras vezes cruéis, sobre eternos recomeços da condição humana e sobre as suas máscaras. Nesse questionamento, a voz do texto escreve a experiência humana da sua vida, das suas observâncias, sendo, simultaneamente, agente desta própria construção. Se, numa primeira leitura, *A Pessoa Indicada* parece ser um texto de despedida, de um Eu que vê a casa vazia, quer na Ilha, quer no Douro, talvez “[esses] desenhos autobiográficos em risco//de colisão (Moutinho, 2018: 25) que desenham “o livro dos livros” (Moutinho, 2018: 37), qual cântico dos cânticos, não sejam, apenas, um caderno íntimo que abre “[a] arca do tempo” (Moutinho, 2018: 50), diz a Memória, reconfigura dados memorialísticos e baralha os “elementos essenciais da paisagem,” (Moutinho, 2018: 54).

É certo que este livro permitirá ao leitor repensar as circularidades do Tempo e da Vida: “e se vou perdendo uma ilha do arquipélago//emerge uma outra pátria de anjos inquietos,” (Moutinho, 2018:77). Note-se que este livro dialoga com *Anjos Cobertos de Pó* (2015) acentuando-se, assim, esse efeito de circularidade na obra moutiniana. A epígrafe escolhida pelo autor “si j’écris, c’est disons pour ouvrir une porte” (Guillevic, *Art Poétique*) para abrir o livro que agora se apresenta vem revelar o desafio lançado pelo Poeta às capacidades interpretativas e culturais do leitor. A atitude do Sujeito contraria um dos momentos anunciados no excerto: “(...) há quem //passeie de costas viradas para si//próprio (...)” (Moutinho, 2018: 70). A voz do texto não deambula pelas periferias do seu Eu, nem mergulha “horrorizado, falso, (Moutinho, 2018: 88) “à sombra das sombras dos pavões” (Moutinho, 2018: 40), de gnomos e de ogres. Qual “homem atormentado”, (Moutinho, 2018: 66), o Sujeito diz “a gramática azeda” (Moutinho, 2018: 35), “gestos trôpegos” (Moutinho, 2018: 77) e intempéries da vida. Como Garrett, estas “palavras caídas em desuso, caídas no alcatrão,” (Moutinho, 2018: 59) não

são *Flores Sem Fruto(s)*. São, decerto, renovadas *Folhas Caídas* que, enfatizadas pela organização editorial, se inscrevem na nossa hodiernidade para acentuar a desilusão de um momento. Camiliano, também, por natureza e afeição, José Viale Moutinho aborda a cartografia nortenha “Os caminhos-de-ferro, meus caminhos-de-ferro, (...) pela janela do comboio avisto o vezúvio, as laranjeiras,” (Moutinho, 2018: 26), a geografia do Douro e as linhas da ruralidade dos afetos perdidos. Islenho, por circunstâncias da vida, a voz do texto dirá o mapeamento dos amores disfóricos e questionará a cartografia insular: “quantas ribeiras quantas graças, maldições, perguntas,” (Moutinho, 2018: 42). Apesar da riqueza do lugar, “[n] um poema rendilhado de esquecimentos (Moutinho, 2018: 51), a ilha deu lugar à indiferença. São tópicos que, regra geral, a escrita moutiniana reconstrói. No caso concreto do livro em apreço, a recuperação destas problemáticas e a forma ágil e sugestiva de anotar o íntimo, a crítica e o questionamento fazem da sua escrita uma poética da maturação. *A Pessoa Indicada* é a voz múltipla do Sujeito e, simultaneamente, um apelo à voz do Outro e à sua renovada interpretação textual. Esta modernidade poética levar-nos-ia, no âmbito de um ensaio, a problematizar a vertente dialogante da sua escrita. Vislumbram-se *Ocasos de Iluminação Variável*, onde o sujeito se sentara “abandonado, à mesa de um café” (Moutinho, 2005: 41), vindo a desenhar “vozes, silêncios, nada” (Moutinho, 2005: 37). Também a voz do texto anunciara: “Já não conheço nada nesta cidade, as pessoas mastigam//a indiferença, vestem-se como quem se vai embora//e afinal ainda andam por aí. (...)” (Moutinho, 2005: 51). Neste diálogo intratextual que esboçamos em jeito de exemplificação, poderíamos destacar as memórias “da pequena casa com vinha, poço, sobreiros//raqúiticos e flores secas, resta uma //fotografia de família e um cão na lembrança,” (Moutinho, 1982: 14). Publicadas, inicialmente, em *Correm Turvas as Águas Deste Rio* (1982), estas memórias são republicadas em *As Portas Entreabertas* (1990) e em *Sombra de Cavaleiro Andante* (2004). Seria interessante ver a forma como a voz do texto afirma não desmentir a memória, como anunciara em *Anjos Cobertos de Pó* (2015), em particular no poema “Não me despeço de ninguém, ninguém” (Moutinho, 2015: 46). Seria oportuno estabelecer o diálogo entre a construção poética “Envelhecer é aproximar-se da janela” (Moutinho, 2015: 53) e o livro que agora se apresenta. Ao dialogar com diferentes textos e vozes, *A Pessoa Indicada* (2018) abre-se, efetivamente, a múltiplas decifrações.

BIBLIOGRAFIA

- Augé, Marc, 2005, *Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade* (1ª edição francesa de 1992), Lisboa, 90 Graus.
- Lipovetsky, Gilles, 2013, *A Era do Vazio. Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo*, trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria, Lisboa, Edições 70.
- Hutcheon, Linda, 1991, *Poética do Pós-Modernismo: História, Teoria, Ficção*, trad. Ricardo Cruz, Rio de Janeiro, Imago.
- Moutinho, José Viale Moutinho, 1982, *Correm Turvas as Águas Deste Rio*, Lisboa, Guimarães Editora, col. “Poesia e verdade”.
- Moutinho, José Viale, 1990, *As Portas Entreabertas – Poesia (1975-1985)*, Prefácio de João Rui de Sousa, Braga, Eurosigno Publicações.
- Moutinho, José Viale, 2004, *O Amoroso*, Secção “Sobre outras obras poéticas do autor”, Vila Nova de Gaia, Ed. Ausência, pp. 81-107.
- Moutinho, José Viale, 2004, *Sombra do Cavaleiro Andante, Antologia Poética (1975-2003)*, Porto, Asa Editores.
- Moutinho, José Viale Moutinho, 2005, *Ocasos de Iluminação Variável*, Vila Nova de Gaia, Editora Ausência.
- Moutinho, José Viale, 2015, *Anjos Cobertos de Pó*, Porto, Edições Afrontamento.
- Moutinho, José Viale, 2018, *A Pessoa Indicada*, Lisboa, Companhia das Ilhas.